

Mídia e trabalho docente

O quadro e o fora do quadro

ELZIANE OLINA DOURADO*

RESUMO: O artigo mostra como a mídia nativa, através de um jornal de grande circulação nacional, apresenta a imagem dos professores, no período do dissídio coletivo da categoria profissional (maio), incluindo os meses anteriores e subsequentes, ou seja, de janeiro a maio de 2012. Analisa os principais elementos identificados na narrativa jornalística, em especial nas notícias, as condições e relações de trabalho dos professores, situando o que está na mídia impressa e o que está fora do texto, mas faz parte do enunciado. O que não está no texto também é parte constitutiva da problemática, já que se integra à construção de significados sobre o trabalho dos professores. Essa reflexão faz parte do trabalho no grupo de pesquisa Imagem, trabalho e sociedade, que, em perspectiva multidisciplinar, estuda a inflexão das transformações societárias a partir da análise da linguagem dos multi meios em suas variadas plataformas.

Palavras-chave: Mídia nativa. Processo de trabalho. Condições e relações de trabalho. Acumulação flexível. Narrativa jornalística.

Introdução

Este artigo propõe uma análise enunciativo-discursiva dos textos, em especial as notícias impressas no jornal, de grande circulação nacional. Pressupõe identificar, além do texto propriamente dito, suas interconexões com a linha

* Doutoranda em Serviço Social. Professora da UERJ e pesquisadora na área de *Imagem, trabalho e sociedade*. Rio de Janeiro/RJ - Brasil. E-mail: <zizadourado@yahoo.com.br>.

editorial adotada pelo meio de comunicação, de forma a compreender que o recorte realizado na reportagem parte sempre de um olhar prévio sobre a situação em análise.

Trata-se de um aspecto que pode ser observado no próprio processo de trabalho nas redações, que indicam a pauta do dia e, por sua vez, a necessidade de apresentar determinada notícia e informação sob a ótica definida previamente pela editoria do meio. O trabalho dos jornalistas, seja no rádio, televisão, mídia impressa e eletrônica, também se inscreve num contexto de tensões e lutas ideológicas, já que ele traz, na própria natureza da profissão, a livre expressão de ideias e a responsabilidade social para a democratização do acesso, da apuração dos dados e certificação das fontes e da divulgação das informações.

As análises mediáticas são processos complexos, muitas vezes tratados de forma generalista, sem que seus termos estejam definidos claramente. Assim, explicitar nossa compreensão do seu significado e das suas inter-relações com as particularidades sócio-históricas, especialmente as relacionadas à fase de crise e reestruturação do capitalismo e as suas novas formas de acumulação, nos permite compreender que são espaços sócio-políticos, cuja relevância ultrapassa a compreensão de sua função comunicativa, já que a produção e circulação de bens simbólicos pautadas na lógica do processo, identificado por Harvey (1993) de acumulação flexível, é vital para essa fase do capitalismo.

Essas transformações devem ser compreendidas no contexto da crise econômica do capitalismo nos anos 70 e sua reestruturação, que alterou sobremaneira, através da flexibilização, o modo de organizar a produção, a gestão, o consumo e a circulação dos produtos. As mudanças foram acompanhadas por profundas inovações tecnológicas e organizacionais, que afetaram os modos de vida em suas várias dimensões. Com grande impacto nos anos subsequentes, esse modo de organização do capital utiliza o convencimento e a adesão como mecanismo de sustentação ideológico.

Sendo assim, compreender a relação entre mídia e sociedade (e vice-versa) nos coloca no centro das formas de legitimação de um sistema econômico e político que articula de forma brutal, por vezes sutil e subliminar, a realidade concreta de exploração e reprodução das estruturas capitalistas de produção e reprodução social, dando sustentação ideológica aos seus projetos societários.

A reorganização dos processos produtivos, baseados no modelo taylorista/fordista, as inovações tecnológicas e de gestão, pautadas por uma racionalidade que privilegia o padrão da acumulação flexível, combinadas com a exploração da mais-valia absoluta e da mais-valia relativa, marcam, sobretudo, as diferentes redes de sociabilidade, radicalizando tanto as desigualdades sociais constitutivas da natureza da sociedade capitalista, quanto as contradições sociais presentes na vida social.

É nesse cenário de profundas transformações sociopolítica, econômica e cultural do capitalismo, que apreendemos o caráter classista e fetichizado da imagem do

trabalho do professor em jornal de grande circulação no País. Compreender a produção da mídia impressa sobre o trabalho docente significa apreender o significado da produção, circulação e reprodução de bens simbólicos, constitutivos de uma dada visão do mundo que, através dos meios de comunicação de massa, atribuem valorações ético-políticas aos processos sociais, culturais, econômicos e políticos da sociedade. Reconstruir os percursos do tratamento da mídia impressa na questão enunciada indica algumas reflexões sobre a produção e circulação de sentidos na relação mídia impressa e sociedade.

A legitimação dessa forma de pensar e organizar o trabalho do professor através de suas imagens, veiculadas na mídia nativa, demonstra que estudar as formas de acumulação do capital na contemporaneidade implica necessariamente a compreensão da produção, circulação e consumo de valores simbólicos nas imagens mediáticas e/ou artísticas nesta fase de acumulação denominada por Mandeldecapitalismo tardio (1982).

Nossa escolha pelo jornal *O Globo*, versão impressa disponibilizada por mídia digital, parte do reconhecimento da forte penetração desse jornal, enquanto parte de um conglomerado, na formação do imaginário social, gerando, a título de notícia e/ou informação, distorções na compreensão da realidade sócio-política-econômica e cultural do País.

O nosso olhar sobre esse material busca reconhecer tanto o papel dos meios mediáticos na sociedade contemporânea quanto revelar o seu significado na construção e consolidação de uma imagem dos professores, a partir do recorte de seus processos, condições e relações de trabalho.

Imagem e sociedade

A lógica empresarial identificada nos textos jornalísticos em análise é replicada nos mais diferentes meios de comunicação no Brasil, independente de suas linguagens particulares e regiões geográficas. Essa constatação indica o grau de concentração e monopólio existente nos meios de comunicação brasileiros.

A interpenetração entre os vários tipos de capital não é algo recente na economia capitalista, já que desde os seus primórdios, com as sociedades anônimas, havia a formação de trustes numa associação entre capital bancário e industrial. É nessa relação entre os diferentes tipos de capitais que a forma capital financeiro se constituiu e que hoje, dadas as particularidades que assume o processo de valorização e concentração do capital, se mostra com alto grau de complexidade e com ramificações nos mais diferentes setores da economia. Estamos nos referindo ao capital de mote transnacional e de concentração e formação de oligopólios, articulando vários setores da economia.

A despeito da multiplicidade de informações circulantes na contemporaneidade, a produção e distribuição de informações e notícias em escala transnacional são marcadas pela concentração e centralização dos meios midiáticos nas mãos de pouquíssimos grupos econômicos. Há, também, a conexão entre os diferentes tipos de capitais, que se expandem de uma forma extraordinária numa mobilidade nunca antes vista.

Nesse contexto, a concentração dos meios de comunicação no Brasil conta com um aliado de peso, a política governamental, que tem historicamente contribuído para a formação desses monopólios e oligopólios, através de concessões ao mesmo grupo econômico de mídias impressas, eletrônicas, radiofônicas e televisivas. Embora criticados ferozmente pelos grandes grupos econômicos e de comunicação, os setores progressistas e organizados da sociedade brasileira têm demonstrado uma tenacidade e resistência inigualáveis, no enfrentamento e amadurecimento da luta pela democratização e controle social dos meios de comunicação de massa.

No entanto, a violência contra os jornalistas tem tido maior visibilidade a partir de denúncias realizadas pelos setores comprometidos com a luta pela democratização da comunicação no País, principalmente pela via eletrônica. Em relatório realizado pela ONG internacional ARTICLE 19 e disponibilizado neste mês em endereço eletrônico nacional e internacional, há a constatação, a partir da análise e mensuração de dados estatísticos, de que o Brasil ocupa o segundo lugar, antecedido pelo México, em práticas de violência contra a vida desses profissionais na América Latina e em termos mundiais ocupa o quarto lugar nos crimes de violação à livre expressão. Esse relatório inédito identificou, no ano de 2012, que 52 jornalistas e defensores dos direitos humanos, que denunciaram atos de corrupção, crimes ambientais, violência policial e conflitos agrários, sofreram ações de violência contra a própria vida. No universo da pesquisa, 35% de casos foram de homicídio, 15% de tentativas de homicídio, 51% de ameaças de morte e 4% de sequestros ou desaparecimento¹.

Nesse quadro de imposição através de ações violentas para o silenciamento de práticas de resistência e luta na defesa dos direitos à informação e à comunicação no Brasil, tem sido imprescindíveis para a sociedade brasileira a construção da experiência democrática de produção e circulação de informações. Mesmo com o risco eminente de morte, vários profissionais não hesitam em desvelar a forma violenta, autoritária e antidemocrática das empresas de comunicação do País, bem como as políticas derivativas dessa perspectiva. A resistência, hoje, é localizada principalmente nas mídias digitais, e tem assumido um papel crucial na defesa do acesso e produção de informações pela sociedade, bem como nas denúncias de violação à vida dos profissionais e do direito à informação e à comunicação democrática.

Ao situar o trabalho jornalístico sob outra ótica, a de disputa de poder, nesse mercado simbólico de produção e circulação de informações, identificamos uma tensão inerente ao conflito ideológico, que medeia as relações de trabalho nos grandes

conglomerados. Há necessidade de profundas mudanças na política do Estado, no que se refere às concessões dos meios de comunicação, bem como o direito à produção, através do acesso aos meios de produção e veiculação, ao invés de uma comunicação unidirecional a serviço dos grandes grupos financeiros-industriais-midiáticos, que dominam o processo de comunicação e seus diferentes veículos no Brasil.

A “imagem do professor”

As matérias jornalísticas em estudo são marcadas pela presença de uma associação permanente entre discursos de avaliação e de “qualificação” profissional, restringindo a reflexão sobre o trabalho docente a parâmetros de eficácia e eficiência. Há a predominância de uma visão cristalizada do discurso sobre essa atividade profissional, em que o professor tem a responsabilidade e o desafio, nesse contexto de profundas transformações, de se responsabilizar pela sua formação continuada, atender às demandas institucionais, além de inovar em sua relação com os estudantes, ao criar novas estratégias pedagógicas com a utilização de uma linguagem multimídia.

Essa exigência de capacitação e qualificação, cada vez mais complexa, para atender às novas tecnologias digitais e às demandas sociais, tem significado a intensificação do ritmo de trabalho do professor, através da sobrecarga de tarefas, de jornadas extenuantes de trabalho, baixos salários e precarização das suas condições de vida. Tais situações afetam seriamente a saúde física e mental, gerando doenças, que levam ao sofrimento intenso e contínuo, quando não à invalidez parcial e ou permanente.

A presença da economista-chefe do Banco Mundial para Educação na América Latina e na região do Caribe, Barbara Bruns em mesa de debate do *Global Economic Symposium*, realizado em outubro de 2012, na cidade do Rio de Janeiro², expondo o sistema de avaliação americano para o trabalho dos professores da rede pública do estado, exemplifica bem a complexidade do debate.

A educação, enquanto parte da rede de serviços sociais, está voltada, como outras esferas, para a efetivação de direitos sociais e, portanto, não se coaduna com a ótica de mercadorização e privatização, inerentes às novas formas de acumulação do capital. As formas de gestão implementadas ancoram o trabalho do professor no tripé: adesão e consentimento, subjugação objetiva e subjetiva da força de trabalho e subserviência às demandas do mercado de trabalho. Essa lógica padroniza os processos de trabalho, ao aplicar a mesmas regras e mecanismos das empresas capitalistas.

Esses são alguns aspectos que informam os ajustes e a reestruturação do Estado brasileiro. As lutas políticas, nesse contexto, culminaram em termos mais concretos em conquistas históricas, como as expressas na Constituição de 1988, com a universalização das políticas educacionais, de saúde e sociais. Cabe notar que, malgrado

a aprovação dessas políticas no texto constitucional, o espaço de concretização das propostas depende, ainda, da correlação de forças dos setores sociais envolvidos em sua efetivação.

A mídia nativa trata dessas questões de forma estanque e dissociada e, de um modo geral, não reconhece a educação como práxis social, cultural e política, capaz de forjar sujeitos críticos e participativos, mas restringe-a a um papel de regulação e coesão social.

Esses padrões de textos jornalísticos são repetidos exaustivamente e, portanto, formam opinião na sociedade, pois objetivam conformar valores ético-políticos, comportamentos e práticas sociais, em que as múltiplas dimensões da prática educativa são reduzidas a representações socialismutilantes do valor social e das singularidades do trabalho do professor.

O fora do quadro

Retomo aqui um conceito presente na análise imagética, principalmente na área cinematográfica – o fora do quadro –, que se refere à compreensão de que o cinema, enquanto dispositivo, se realiza no que está na tela e, também, no que está fora da tela. Inferindo algumas considerações sobre o trabalho dos professores na mídia impressa a partir desse conceito, apresentamos a pergunta: o que a mídia impressa não coloca no quadro (na reportagem, na notícia), mas que é imprescindível para a compreensão dos enunciados do texto impresso? Ou melhor, o que a mídia, particularmente nas matérias aqui analisadas, não informa aos leitores? Numa análise crítica de conteúdo dessas matérias jornalísticas, o que é efetivamente necessário à compreensão e ao acesso às diferentes vozes dos textos?

Vamos destacar as questões relacionadas ao adoecimento do trabalhador como o que está fora do quadro, embora haja apenas vestígios dessa condição e de suas determinações nas reportagens, mas de uma forma meramente figurativa e fragmentada.

Essa questão é de fato importantíssima, pois indica sob que condições de trabalho e a que processos e relações de trabalho está submetida esta categoria profissional. Os textos não tratam de como os profissionais vivenciam, na escola e fora dela, as inflexões sobre a sua subjetividade ao não ter espaço para o exercício pleno de sua autonomia, criatividade e auto-realização.

O fora do quadro mostra que a imagem de abnegado ou profissional desolado com sua própria condição individual, reproduzida nos textos jornalísticos, não encontra mais ressonância na prática social. O que se esconde na desinformação da notícia é a expropriação da força de trabalho criativa dos professores que, exauridos além de sua capacidade física e mental, têm, a despeito de suas dificuldades, se articulado na

escolha consciente de enfrentar, de forma organizada, essas condições de precarização do trabalho, retomando a relevância de sua contribuição à sociedade.

Nesse aspecto, há também a expropriação do desejo e da capacidade de forjar uma relação amorosa com o estudo, a pesquisa e o conhecimento, num diálogo democrático com a diversidade cultural étnica e social dos estudantes. Acrescente-se a esse processo a sobrecarga de trabalho, a não participação nos processos decisórios de gestão e do projeto pedagógico da escola, a violência social e escolar, e a frustração - ao perceber que seu projeto profissional está de tal forma precarizado, que coloca em xeque a reprodução social de si mesmo e de sua família.

O fora do quadro nos exige ir além do que está ausente na percepção imediata da notícia. Nos leva a reconhecer nos espaços de luta e resistência a capacidade de gerar força coletiva, que coloque na sociedade o debate sobre as determinações econômicas, políticas e culturais que ensejam uma imagem propositalmente desinformada sobre as condições de trabalho e saúde desta categoria profissional.

Também estão fora do quadro as informações sobre o trabalho de resistência que os movimentos organizativos da categoria realizam, tanto em termos de mobilização quanto nos aspectos relacionados diretamente ao trabalho dos professores, que não são dissociados de outras lutas sociais e políticas mais gerais da sociedade brasileira.

Pensar uma política educacional impõe, necessariamente, criticar o ideário disseminado pelos meios midiáticos, quanto à não valorização e à desinformação do trabalho dos professores, é ir além do que é produzido e reproduzido pela mídia sobre questões relativas à educação e seus profissionais. É ultrapassar o discurso da competência/produtivismo, que forma um bloco de valores, reiterados nas reportagens, e implica entender as complexidades do trabalho do professor, mas, também e essencialmente, localizá-lo como uma categoria extremamente explorada e expropriada em sua força criativa e educativa.

Considerações finais

Percebe-se na grande maioria das matérias a prevalência de uma narrativa padronizada, que privilegia duas ordens de questões: a apresentação de relatos pessoais, citando superficialmente e acriticamente as condições de trabalho, como a jornada dupla e tripla, as precárias estruturas das instituições educacionais, os riscos e desafios inerentes à violência social e escolar, a precarização do trabalho, os baixos salários e a imposição da formação contínua.

Outro tratamento diz respeito à imagem do professor, que, abnegado, ama sua profissão acima de tudo, que tem na “vocação” o esteio maior que justifica a sua permanência na atividade. Mesmo apresentando situações que relatam a desistência da

carreira docente devido às precárias condições de trabalho, as matérias jornalísticas não dão centralidade à quebra desse aspecto simbólico entre a vocação e a profissão.

A ênfase na precarização do trabalho encontrada nos depoimentos é atenuada quando se trata da necessidade de se estabelecer critérios avaliativos do trabalho do professor, mesclando propositalmente esse discurso gerencial produtivista à desregulamentação do Estado, à privatização dos serviços sociais e ao reforço negativo da imagem de intransigência dos movimentos sindicais.

O processo educativo ocupa um lugar residual nas reportagens e, embora os aspectos relacionados às escolas e ao trabalho do professor estejam geralmente nas manchetes das matérias, eles são tratados quase como nota de pé de página, que já não trazem informações suficientes para os leitores construírem uma reflexão autônoma sobre as temáticas.

Interessante observar que a chamada para os leitores não corresponde ao conteúdo propriamente escrito, já que este não trata com profundidade as situações-objeto da reportagem, mas faz dela um caleidoscópio desarticulado de informações e não uma notícia que realmente informa.

Assim, os discursos midiáticos reiteram a visão da educação como mercadoria, negando-a como espaço de produção e socialização dos saberes na sociedade.

Ao não reconhecer a educação como espaço para as manifestações humanas, particularmente as diversidades étnico-culturais brasileiras e suas ações educativas, num contexto de formação de sujeitos sociais críticos e criativos que pensam sobre si mesmos e sobre a sociedade em que estão inseridos, essa perspectiva reafirma, através do discurso midiático, uma contraposição à cultura pública democrática e emancipadora.

As discussões sobre as políticas educacionais estão transversalizadas pelo debate das novas formas de regulação, especialmente na questão da adoção de um sistema de organização da escola em séries anuais e, também, pela adoção de ciclos. Aparecem opiniões de especialistas, como forma de legitimar a linha editorial, com ênfase na repercussão da aprovação automática e seus impactos na aprendizagem, na questão da evasão, da repetência e no ciclo de estudo regular, entre outros.

Há, também, a justificativa de que a flexibilização desse tempo na escola, a partir dos ciclos, traduz uma inovação e uma modernização necessárias, para possibilitar a maior permanência e também o maior número de concluintes ao final do período que lhes é destinado. Essa perspectiva é seguida de referências aos organismos internacionais como balizadores das diretrizes para a política educacional, fato tratado com naturalização, já que são diretrizes mundiais.

Nesta análise foi possível compreender que a formação da imagem do professor nas matérias publicadas em jornal de grande circulação no País está intrinsecamente relacionada à formação de uma sociedade mercantilizada, em que os meios

de produção e circulação de notícias e informações, no caso brasileiro, são restritos às grandes corporações privadas.

Os movimentos sociais e políticos progressistas fazem uma verdadeira batalha, através de várias mídias, mas principalmente em seus blogs, sites, twitter e outras redes sociais, para enfrentar corajosamente essa desinformação sobre a vida social brasileira. Impera a perspectiva de uma visão reiterativa do mundo, que se pretende uníssona, mas que encontra na luta pela democratização dos meios de comunicação e nas lutas sindicais a resistência dos que assumem suas vozes polifônicas e afirmativas de um projeto societário onde a educação pública, democrática e de qualidade social impõe a defesa intransigente da valorização do trabalho do professor.

Esta valorização precisa ser entendida muito além de ganhos salariais, pois o docente, inscrito numa prática profissional criativa, responsável e democrática, garante, nos diferentes espaços de sociabilidade, um debate profícuo e acolhedor da dinâmica plural e múltipla de nossa sociedade.

Recebido em setembro de 2012 e aprovado em dezembro de 2012

Notas

- 1 A íntegra do relatório está disponível no Brasil no endereço www.artigo19.org e no site internacional em www.article19.org.
- 2 Sobre esse assunto <http://oglobo.globo.com/educacao/desempenho-de-professores-da-rede-estadual-do-rio-sera-monitorado-6446886#ixzz2NXZqQ8IP>

Referências

ARTIGO 19 - **América do Sul**. Relatório das graves violações à liberdade de expressão dos jornalistas e defensores de Direitos Humanos, disponível no endereço eletrônico: www.artigo19.org

DOURADO, E. O. **As inovações tecnológicas e suas implicações no perfil do trabalhador bancário: o caso dos gerentes**. Rio de Janeiro, RJ, Escola de Serviço Social da URFJ, 1995. 135p (Tese, Mestrado em Serviço Social).

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Loyola, 1993.

MANDEL, Ernest. **O Capitalismo Tardio**. Editora Abril Cultural, 1.a edição, 1982.

O Globo, janeiro a maio de 2012.

The media and teaching

The picture from within and without

ABSTRACT: Using a newspaper of large national circulation as a basis, this article presents images of the teacher during the period of collective bargaining of their professional category in May and preceding and subsequent months, namely from January to May, 2012. The key elements identified in narrative journalism were analyzed, especially in news items, as were teachers' working conditions and relationships, situating what is printed and what is camouflaged but which is part of the publication. What is hidden in the text is also a constitutive part of the problem, since it forms part of the construction of meaning on teachers' work. This reflection is part of the work of the research group *Imagem, trabalho e sociedade* (Image, work and society) which studies, from a multidisciplinary perspective, the inflection of societal transformations based on an analysis of multimedia language in its various platforms.

Keywords: Endogenous Media. Work process. Work conditions and labor relations. Flexible accumulation. Narrative journalism.

Les médias et le travail des enseignants

Champs et Hors-champs

RÉSUMÉ: Cet article montre quelle image des professeurs les médias locaux présentent, à travers un journal de diffusion nationale, lors de cette période de conflits collectifs de la catégorie professionnelle (mai), y compris les mois antérieurs donc de janvier à mai 2012. Il analyse les principaux éléments identifiés dans le discours journalistique, spécialement dans les informations, ainsi que les conditions et les relations de travail des professeurs, situant ce qui est dans la presse écrite et ce qui est hors-texte, mais fait partie de l'énoncé. Ce qui n'est pas dans le texte est aussi constitutif de la problématique, car il s'intègre à la construction de sens sur le travail des professeurs. Cette réflexion fait partie d'un travail du groupe de recherche *Image, Travail et Société* qui étudie, dans une perspective interdisciplinaire, les transformations sociales à partir de l'analyse du langage des multimédias dans leurs différents supports.

Mots-clés: Média narratif. Procédé de travail. Conditions et relations de travail. Accumulation flexible. Discours journalistique.

Medios de comunicación y trabajo docente

El cuadro y el fuera del cuadro

RESUMEN: El artículo muestra como los medios de comunicación nativos, através de un periódico de grande circulación nacional, presenta la imagen de los profesores, en el período de divergencia colectiva de la categoría profesional (mayo), incluyendo los meses anteriores y subsecuentes, o sea, de enero a mayo de 2012. Analisa los principales elementos identificados en la narrativa periodística, especialmente en las noticias, las condiciones y relaciones de trabajo de los profesores, ubicando lo que está en los medios de comunicación impresos y lo que está fuera del texto, pero que forma parte del enunciado. Lo que no está en el texto, también es parte constitutiva de la problemática, ya que se integra a la construcción de significados sobre el trabajo de los profesores. Esta reflexión forma parte del trabajo en el grupo de investigación *Imagen, trabajo y sociedad*, que, en perspectiva multidisciplinar, estudia la inflexión de las transformaciones societarias a partir del análisis del lenguaje de los multimedios en sus plataformas variadas.

Palabras clave: Medios de comunicación nativos. Proceso de trabajo. Condiciones y relaciones de trabajo. Acumulación flexible. Narrativa periodística.